
Cineastas Surdas/os no Brasil: um Cinema em Libras¹

Giulianna MIGUEL²

Cristina TEIXEIRA³

Alessandro VASCONCELOS⁴

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

Resumo: Onde estão as pessoas surdas no cinema nacional? Em geral, a sociedade desconhece completamente o assunto, e profissionais do audiovisual também. Felizmente, a comunidade surda resiste ao preconceito de que o surdo não pode se relacionar com cinema, e tal resistência contribui para a visibilização desses sujeitos que fazem filme no Brasil. A partir de Karin Strobel, dos Estudos Surdos, relacionaremos a cultura, a literatura e as artes surdas, com a comunicação audiovisual, por meio também de entrevistas. O conceito de poética pós-fonocêntrica (BUBNIAK, 2016) será um notável aporte teórico. Por meio da colaboração de colegas surdos e surdas, na indicação de profissionais e obras filmicas, o trabalho resultará em mais uma fonte de pesquisa no campo do Cinema Surdo, para continuação das questões aqui levantadas.

Palavras-chave: Cinema Surdo; Libras; poética pós-fonocêntrica.

Em artigo anterior⁵, apresentamos um breve histórico do movimento de pessoas com deficiência (PCD) na luta por seus direitos. Mostramos que: a partir da década de 1950, esse movimento veio ganhando força e destaque, resultando hoje em grande institucionalização e em consideráveis conquistas. Além disso, o termo ‘deficiente’ acabou dando lugar à expressão ‘Pessoa Com Deficiência’, que assegura a condição de pessoa em primeiro lugar, ao invés de reduzir o sujeito a uma condição específica de maneira totalizante. No Brasil, o Estatuto da Pessoa com Deficiência, ou Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI), está em vigor desde 2015 e tem como base o decreto nº 6.949 de 25 de agosto de 2009, que surgiu a partir da convenção da ONU em 2006 com mais de 160 países acordando diretrizes para inclusão.

¹ Trabalho apresentado na IJ04 – Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – XV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação do Curso de Cinema e Audiovisual da UFPE, e-mail: giuliannamiguel@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Departamento de Comunicação da UFPE, e-mail: cristinateixeiravm@gmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor Substituto do Curso de Letras-Libras da UFPE, e-mail: alessandro.augusto1995@gmail.com

⁵ “Para além da acessibilidade: um cinema surdo brasileiro” (MIGUEL & TEIXEIRA, 2018)

Apresentamos, ainda os recursos da acessibilidade comunicacional⁶ e o projeto Alumiar⁷ em Recife, PE, que acessibilizou 21 filmes nacionais. Também focamos na população Surda, grafada em maiúsculo por tratar-se de uma visão socio-cultural (e não patológico-clínica) da surdez enquanto diferença, numa cultura ouvinte hegemônica (ANJOS, 2017, pp.17-24). Seguimos na abordagem da educação de surdos (oralismo x Libras); pensamos acerca da espectadorialidade Surda, em diálogo com bell hooks⁸; vislumbramos alguns profissionais surdos e produções com equipes mistas (surdos e ouvintes); e, enfim, lançamos sugestões metodológicas para um cinema misto em contextos educacionais, utilizando como exemplo o curta “Resoluta”.

Na presente comunicação, o objetivo é conhecer os profissionais Surdos no cinema nacional, visibilizar suas produções e mapear mostras no Brasil com este recorte curatorial. Agradecemos a Aduino Gomes, Kaio Araújo, Marize Eduarda, Cristiano Monteiro, Leôncio Albuquerque, Alice Lima, Jonathan Alvez, Yanna Porcino, Edson Costa, Letícia Lima, Edvaldo Siqueira, CIACS (Centro de Integração de Artes e Cultura de Surdos) e toda a comunidade surda que colaborou com esse artigo, acreditando na importância da difusão das expressões artísticas surdas e na necessidade de inclusão, por meio de uma construtiva troca intercultural entre surdos e ouvintes.

Cultura Surda

Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de se torná-lo acessível e habitável ajustando-os com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das ‘almas’ das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos de um povo surdo. (STROBEL, 2008, p.22 apud SIQUEIRA, 2013, p. 82)

⁶ “Art. 1º Todos os projetos de produção audiovisual financiados com recursos públicos federais geridos pela ANCINE deverão contemplar nos seus orçamentos serviços de legendagem, legendagem descritiva, audiodescrição e LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais.” (Instrução Normativa nº 132, ANCINE, 2017) - atualizando IN’s prévias de 2016 e 2014.

⁷ www.cinemadafundacao.com.br/alumiar

⁸ Pseudônimo de uma intelectual negra estadunidense. A autora de “O olhar opositivo - a espectadora negra” frisa que seu nome seja grafado em minúsculo, buscando chamar atenção para suas ideias, e não para sua pessoa, contrariando as convenções linguísticas acadêmicas de exaltação de indivíduos (geralmente homens brancos) como máximos descobridores da realidade social.

Os *artefatos culturais* que compõem a cultura surda são: experiência visual, desenvolvimento linguístico, família (os pais serem surdos ou ouvintes, por exemplo), literatura surda, a vida social e esportiva, artes visuais, e a política (STROBEL, 2009, cap. 4). Cada artefato abarca diversos elementos e possibilidades de articulação, permitindo pensar, inclusive, em culturas surdas no plural, além de diversas identidades. Durante o texto, a autora expõe vários relatos (seus e de outrem) sobre barreiras de comunicação e isolamento sofridos pela criança surda na falta de outros referenciais surdos (e de uma comunidade surda), levando até a pensamentos de que ela não viverá, uma vez que todos a sua volta são ouvintes, incluindo os animais de estimação, e não há adultos como ela. Os relatos, então, apontam para a língua de sinais como um caminho para a estima de si e a afirmação orgulhosa de ser surdo, tendo a literatura como meio de transmissão cultural e reforço identitário.

Desde os anos 2000 no Brasil, a cultura Surda tem se afirmado cada vez mais. Em 2002, a Lei nº 10.436 reconheceu a Libras como língua oficial das comunidades surdas nacionais. Depois, a Libras adquiriu status de língua natural, com estrutura e gramática próprias, sendo de modalidade visuo-espacial (e não oral); tornou-se disciplina obrigatória nos cursos de licenciatura, fonoaudiologia. Foi assegurado o atendimento pleno das pessoas surdas em serviços públicos, como educação e saúde, levando à políticas públicas de bilinguismo na escola e também à regulamentação da profissão de TILS (Tradutor-Intérprete de Língua de Sinais). Aliás, a profissão hoje marca presença em grandes eventos como carnavais de rua, festejos de São João, e é divulgada nas redes sociais, a exemplo do perfil no instagram de Anne Magalhães que tem interpretado em Libras músicas icônicas da cultura negra ouvinte, de Elza Soares a Nina Simone, passando pelo rapper Rincón Sapiência.

A sociedade tem entendido que a Libras não é o mesmo que gestos ou mímica, e que existem diversas línguas de sinais, como a língua de sinais americana (ASL), língua de sinais francesa (LSF), línguas de sinais kaapor brasileira (LSKB) (VILHALVA, 2009), da mesma forma que existe uma infinidade de línguas orais, como o português, espanhol, guarani. A sociedade tem entendido também que ser s/Surdo não tem

nenhuma relação com ser mudo, já que surdos têm fala (através da língua de sinais ou mesmo de oralização) e que ‘mudinho’ é um chamamento pejorativo, que inferioriza o sujeito surdo a partir de um referencial ‘ouvintista’. Chama-se ‘audismo’ essa inferiorização de sujeitos com base em sua incapacidade de ouvir e comportar-se como ouvintes, e ainda a institucionalização dessa maneira ouvinte de dominar e re-estruturar a comunidade surda, como por exemplo ao proibir o uso da língua de sinais. (BUBNIAK, 2016, p. 32).

Contrária ao audismo, a afirmação identitária Surda não se ancora na condição de ‘deficiência’ e vem reivindicando que cada vez mais os surdos possam ser alfabetizados em sua L1 (língua nativa), ou seja, uma língua de sinais, e que não sejam submetidos violentamente ao oralismo⁹ nem ao isolamento. É devido a essa resistência surda que hoje podemos falar sobre várias identidades surdas: resoluta/orgulhosa, política, intermediária, híbrida, flutuante, diaspórica, deficiente auditivo, etc.

De toda forma, por constituir-se enquanto uma cultura, há a necessidade de expressar-se partindo da própria vivência e percepção de mundo. Por isso, não só a acessibilidade e tradução são cruciais para a inclusão, como também a própria produção científica¹⁰ e artística dessa população, em sua língua *nativa*.

Arte em Libras e Fonocentrismo

A Libras é uma língua natural, de modalidade visuo-espacial, constituída pelo movimento das mãos (em determinada configuração, direcionalidade, etc.) aliado a expressões não-manuais (faciais e corporais). As palavras estão para a língua oral, assim

⁹ “No final do século dezoito e início do século dezenove, experimentos foram realizados nos grupos de crianças surdas nos internatos. Esta é a violência real ‘do fonocentrismo - a aplicação de eletricidade, sanguessugas, substâncias corrosivas, soda cáustica, e, finalmente, martelos e metal quente. Tais tratamentos médicos bárbaros pontuaram a vida de estudantes que passaram incontáveis horas durante uma vida inteira de treinamento para aprender as diferenças entre ‘d’ e ‘t’, entre ‘p’ e ‘b’. E pior: quando os alunos eram pegos sinalizando no playground, tinham, muitas vezes, as mãos espancadas”. (BUBNIAK, 2016)

¹⁰ Há o mito de que a língua de sinais é ágrafa (não tem escrita), porém já existem sistemas pesquisados, debatidos e difundidos no Brasil, como é o caso da ELiS - Escrita de Língua de Sinais, desenvolvida por Mariângela Estelita, e o mais popular *signwriting*, criado por Valerie Sutton e utilizado em comunidades surdas de mais de 30 países.

como os sinais estão para a língua de sinais, são seu item lexical, verbal - diferente de gestos, mímica e expressões não verbais, que não têm estrutura linguística. Para saber mais sobre os parâmetros da Libras, consultar Quadros & Karnopp, 2004.

A Libras é a língua do povo Surdo no Brasil. Temos por povo Surdo aqueles e aquelas que se identificam enquanto pessoa Surda, participantes de uma cultura, usuários da língua de sinais e que não vêm a surdez como deficiência. Já comunidade surda abrange todos e todas ouvintes e não surdos que convivem com o Povo Surdo, sejam familiares, TILS ouvintes, professores, pesquisadores, profissionais de diversas áreas, e apoiadores da causa e da difusão da língua de sinais. (ANJOS, 2017).

[O surdo é] ator principal no processo de celebrar a cultura surda, de lutar pelos direitos à diferença na educação, na política, nos direitos humanos. Trata-se de uma história que os oralistas reprimiram por julgarem a si mesmos como identidade única, mas que sobreviveu. (PERLIN, 2002, p. 12 apud SILVEIRA e AMARAL, 2012, p. 3)

Apesar do usual e constrangedor espanto de ouvintes diante de uma conversação em língua de sinais, a comunidade Surda cresce e os artistas Surdos e Surdas desenvolvem seu potencial: o palhaço Surddy, os poetas e slammers Leo Castilho, Gabriela Gricolom, o ator Jonathan Alvez, a poetisa e desenhista Yanna Porcino, a fotógrafa Tatiana Martins, são todas pessoas Surdas nas artes, que utilizam a Libras como ferramenta artística e chave cultural para auto-expressão. Temos a youtuber Carol Longmann com seu canal “A moda muda”, a série infantil “Mim e as mãozinhas” (criada por um ouvinte), a série bilíngue Crisálidas, e a lista segue.

A imagem tem um poder transformador. Se, por exemplo, eu vejo uma pessoa pobre e eu tiro uma foto dela para retratar a pobreza ou a fome, eu posso revelar coisas que eu vejo e que, de repente, outras pessoas não percebem. Eu também posso usar essa foto para chamar atenção para temas importantes, que são deixados de lado pelos órgãos de governo. Então, nós podemos nos comunicar através da fotografia. A fotografia pode ser um objeto transformador na vida das pessoas. (Tatiana Martins, multiplicadora e coordenadora surda do Fotolibras, apud SIQUEIRA, 2013)

Da mesma forma, o cinema é um agente transformador.

Com a acessibilidade a equipamentos de filmagem e edição através das tecnologias de cinema digital, começaram a surgir produções criadas por

sujeitos surdos. Por volta do ano 2000 surgiu o termo cinema Surdo (*deaf cinema*) e, a partir de 2003, vários festivais começam a acontecer com o intuito de divulgar essas produções. (BUBNIAK, 2016, p. 11)

Assim, a ferramenta outrora utilizada pelo oralismo como auxiliar em terapias de fala, tão custosas para os surdos, mais recentemente passa por uma ressignificação e torna-se uma das formas mais comuns de comunicação e expressão entre os mesmos. O audiovisual e o cinema, então, trazem uma possibilidade de registro da língua de sinais e de transmissão dos artefatos culturais.

Não há uma precisão sobre o conceito de cinema surdo, mas há uma diferença entre filmes sobre surdez; obras em que ouvintes interpretam surdos; e *filmes Surdos*, feito por surdos, que retratem a cultura, e/ou que sejam falados em língua de sinais. De toda forma, inserimos esse movimento, em concordância com Bubniak, no ramo de uma “expressão estética e política de uma minoria linguística”.

Um filme sobre surdez feito com uma visão ouvinte, por exemplo, usaria recursos como repetir o mesmo plano duas vezes, uma com som e outra sem nenhum som, com o intuito de demonstrar a experiência de um surdo (A Família Bélier, 2014). Já um filme surdo, demonstraria como é a experiência de ouvir através de um implante coclear. (BUBNIAK, 2016, p. 11)

Há elementos geralmente presentes nos filmes realizados por sujeitos surdos:

“a coletividade da comunidade surda, relação entre mãe e filho, a resistência ao poder ouvinte e a normalização da experiência surda. Já como símbolos, eles apontam a evidência de olhos e mãos ao passo que bocas e orelhas são evitados. Como elementos estéticos, os autores citam vistas de topo ou aéreas, subjetivas, ritmo visual, representação visual do som, planos voyeur. Sobre a forma de contar histórias, os autores identificam em filmes surdos, a mesma estrutura das histórias em língua de sinais. Geralmente elas iniciam com o tema principal e vão adicionando informações. Um grande número de filmes estudado por eles iniciam e terminam com o mesmo plano ou adicionam alguma informação surpreendente ao plano inicial no final do filme”. (BUBNIAK, 2016, p. 12).

Apesar de os elementos citados acima não constituírem um diferencial do cinema surdo em relação ao cinema ouvinte, portanto não delimitando um conceito, entende-se que a questão da representatividade e local de fala é o mais relevante. “Enquanto que os estudos feministas criticam o patriarcado, e os estudos afroamericanos criticam a supremacia branca, os estudos surdos criticam (...) o audismo” (BAUMAN, 2008 p. 3

apud BUBNIAK, 2016, p. 31). Lembramos, por exemplo, a diferença surgida no uso da língua de sinais entre surdos negros e surdos brancos nos Estados Unidos: enquanto ambos eram isolados do mundo ouvinte, os surdos negros passavam pela chamada dupla diferença, proibidos de frequentar as mesmas escolas que os surdos brancos. (FURTADO, 2011, p. 5). E tendências apontam que o “cinema Surdo se espelha na produção cultural de outras minorias, como o cinema negro norte-americano”. (BUBNIAK, 2016, p. 11).

Nesse sentido, a *Lente Surda* (BETTS, 2010 apud BUBNIAK, 2016, p. 12) “seria uma maneira surda de fazer cinema. Uma forma de apropriação da linguagem cinematográfica pelo surdo com o objetivo de mostrar seu modo de ver o mundo”, o que, em artigo anterior, tratamos nos termos de “olhar opositivo” (HOOKS, 2017/1992).

Trata-se, assim, da arte como combate ao oralismo violento, à inferiorização dos surdos e ao fonocentrismo, que coloca a voz no centro da estruturação do pensamento ocidental e cria um preconceito contra outras formas de linguagem. Para Derrida (1973 apud BUBNIAK, 2016, pp. 27-28), “o fonocentrismo é o etnocentrismo mais original e poderoso”. Entender a produção surda como uma poética pós-fonocêntrica, portanto, assegura o rompimento da centralidade da voz e o/a artista Surdo/a alça o status de organizador/a fluente de elementos estéticos, ou cinematográficos, devido ao que a autora chama de ‘qualidade cinematográfica da língua de sinais’.

Comparações são feitas frequentemente entre a linguagem cinematográfica e línguas de sinais. Além de um meio linguístico tradicional de descrever as línguas de sinais através de fonologia, morfologia, sintaxe, podemos também ver sinalizadores fluentes como cineastas cotidianos, uma habilidade que é intensificada nos usos literários e dramáticos da língua de sinais. Na verdade, quando vistas através da lente da gramática do cinema, as línguas de sinais apresentam uma relação constante de close-ups e planos distantes, repleta de movimentos de câmera e técnicas de edição. (BAUMAN; MURRAY, 2013 p. 243 apud BUBNIAK, 2016, p. 63)

Betts (apud BUBNIAK, 2016, p. 62), por exemplo, adapta a etapa escrita da roteirização para um processo sinalizado, mais eficaz do que um storyboard já que o posicionamento de elementos na língua de sinais conforma uma visualização explícita de pontos de vista

e disposição das personagens. A fluidez da câmera (e o uso de steadicams) é outra característica citada pelo cineasta como um elemento da *lente Surda*, ao retratar o contato visual constante entre os surdos, em detrimento de um plano-contraplano.

Cinema Surdo no Brasil

Estudos divulgados pelo GEMAA (Grupo de Estudos Multidisciplinar da Ação Afirmativa)¹¹ e endossados pela Ancine, constataram a ausência de diretoras negras nas últimas *décadas* do cinema nacional (longas-metragens lançados em salas comerciais), apesar dessa categoria ser o equivalente a 25% da população. 25% também é a parcela de pessoas com alguma deficiência no Brasil, que, apesar de generalista, não deixa de indicar que um em cada quatro brasileiros enfrenta barreiras atitudinais, falta de acesso, falta de representatividade, exclusão e discriminação/capacitismo.

Podemos lembrar da série “3%”, na qual uma das personagens principais era cadeirante (o ator não sendo), ou lembrar de Fernanda Honorato, a primeira repórter Down. Sobre a população surda (que também reflete outro modelo de sensibilidade e percepção, mas com a adição do quesito cultural), são poucos os exemplos positivos: notícias como a da atriz global ouvinte que se preparava para representar uma surda na novela são duramente criticadas pela comunidade surda. Na atualidade, os surdos demandam educação inclusiva e bilíngue, profissionalização e inserção no mercado de trabalho. Não haveria atrizes surdas para representar o papel? Os surdos não são maioria no país, nem perto disso, e nem se está *obrigando* a que as pessoas falem Libras, mas o marco legal fala sobre inclusão, direito à diferença e à plena convivência.

Os movimentos sociais, já adentrando o campo acadêmico, têm procurado se firmar e afirmar a importância de os processos criativos serem protagonizados por pessoas de fora daquele padrão branco e masculino de *normalidade* e perfeição. E é aí onde está a responsabilidade do ensino formal em nivelar essas desigualdades no mercado,

¹¹ “O Brasil das telas de cinema é um país branco”: <<http://gemma.iesp.uerj.br/infografico/infografico1/>>.

formando profissionais com deficiência em diversas áreas, irrestritamente e com a devida acessibilidade, e, no nosso caso, cineastas com deficiência, cineastas surdos/as, bem como cineastas sem deficiência conscientes e respeitosos da luta das PCD, superando barreiras atitudinais, incluindo acessibilidade no orçamento, tendo um intérprete de Libras previsto nas diárias, falando descritivamente para pessoas cegas no set, enfim.

E desses filmes que a gente vai no cinema pra ver, ou que assiste em casa, no celular, tem surdo na direção? Há algumas edições em sua programação de mostras especiais, o Curta Brasília vinha realizando a SurdoCine, exibindo curtas com a temática da vivência surda. Em 2019, surgiu a 1ª Mostra Surdo Cinema, com quatro curtas resultantes de uma ação formativa do Curta Brasília, apresentando agora obras dirigidas por surdos. *Libras é merda?* (Johnnatan Albert), *Não me Toque* (Pammelleye Katherine), *A boneca de sangue* (Michelle Hitomi e Luérgio de Souza) e *O corpo da liberdade* (Renata Rezende), abordam temas como barreiras de comunicação, violência contra a mulher surda, desejo por liberdade, e foram exibidos também no Festival Despertacular, criado por alguns desses diretores com o intuito de reunir Artes Surdas. Na SurdoCine de 2018, foram exibidos episódios da série bilíngue *Crisálida* (dir.: Serginho Melo, 2018), em que jovens surdos enfrentam os desafios de uma sociedade desenhada apenas para ouvintes, evidenciando como o contato com a língua de sinais é o agente transformador dos envolvidos num universo visual. Já no curta *Libras é merda?*, a estratégia narrativa foi a inversão da realidade social, acompanhando uma personagem ouvinte numa sociedade majoritariamente surda.

Cineastas Surdas/os

Os povos surdos fazem muitas criações artísticas que sintetizam suas emoções, suas histórias, suas subjetividades e a sua cultura. (...) O artista surdo cria a arte para que o mundo saiba o que pensa, para divulgar as crenças do povo surdo, para explorar novas formas de "olhar" e interpretar a cultura surda. (STROBEL, 2009, p. 82)

Germano Dutra Jr é youtuber e administrador do canal SurdoCult. Nascido em Blumenau, formou-se em Letras-Libras na UFSC (Universidade Federal de Santa

Catarina), onde hoje é professor. Depois, formou-se em Cinema e Realização Audiovisual na Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul). Como TCC (Trabalho de Conclusão de Curso, Germano roteirizou e dirigiu o curta-metragem “Coulrofobia”, que já ganhou exibição em festivais no Brasil, Estados Unidos, França e Argentina, além de ter sido premiado na 7ª Mostra Competitiva Fita Crepe de Ouro como melhor roteiro, fotografia e maquiagem.



Quadro de “Coulrofobia”, dirigido por Germano Dutra.

A sinopse é a seguinte: “No auge dos seus dezesseis anos, Luan (Rodrigo Augusto Ferreira), um garoto surdo, enfrenta um temor incomum. Por muito tempo, o menino vem guardando suas angústias, nascidas de um trauma passado. Mas está chegando a hora de confrontar o medo incondicional que essa aberração lhe traz: um medo que, ao contrário do que se imagina, não tem nada de engraçado”.

Giuliano Robert¹² (Curitiba, 1986) é um diretor e fotógrafo surdo consolidado na cadeia nacional e premiado internacionalmente. Desde pequeno via filmes em VHS, na televisão e no cinema, mesmo após ter ficado surdo devido a meningite com 1 ano e meio de idade, e até hoje assiste filmes e séries. Apesar de ter gostado de “A Gangue” (The Tribe, Ucrânia) e O Milagre de Anne Sullivan (1962), diz que são poucos os filmes que representam bem personagens surdos. Seu sonho sempre foi fazer filmes, mas sem ter feito faculdade e aprendendo muita coisa sozinho, Giuliano foi conseguindo experiências práticas a partir de alguns curtas e um seriado. Atua como fotógrafo em

¹² Site profissional: <https://500px.com/giulianorobert/about>. Acesso em junho de 2019.

obras de ouvintes e para ele não há problema. O cineasta tem trabalhado em produtoras como a Urca Filmes (Tropa de Elite 2, O Filme da Minha Vida, Amazonia Groove) e a Beija Flor Filmes, protagonizando a série “Eu, Celebridade”, ainda a ser lançada. Com vários projetos em andamento e à vista, enquanto fotógrafo (*Caza Isabel*, de Gil Baroni) ou produtor de elenco (*Nem Toda História de Amor Acaba em Morte*, de Bruno Costa), seu diferencial é o contato direto com atores e atrizes surdos/as. O próximo longa autoral será o documentário “Minhas Mãos”, sobre a cultura surda e com personagens surdos, algo inédito no cinema brasileiro. Para 2020, está roteirizando “Floresta”, que irá dirigir e protagonizar.

Consultor em acessibilidade comunicacional na Acensia (www.acensiabrasil.com), Giuliano fica a cargo da janela de Libras, “*sendo nativo da língua e garantindo a melhor qualidade*”. Em 2011, fez um curso de fotografia no Centro Europeu e em seguida realizou parcerias com a Ancine, Fundação Cultura Curitiba, Ebanx, Universal Studios, Netflix, Expocine, Rede Globo, etc. O curitibano procura que seu exemplo leve outros surdos a enfrentarem seus limites e medos. Hoje ele é um profissional requisitado, com boa recepção de seus trabalhos, e auxiliando novos projetos, escrevendo muitos roteiros, sempre tratando desses dois mundos ouvinte e não ouvinte.

Seu curta “Mãos em Fúria” venceu o Festival Internacional de Cinema Surdo de Xangai 2018, na China - *Shanghai International Deaf Film Festival* - e ainda será exibido em 2019 no Festival *Clin d’Oeil* (Piscada, em tradução livre), na França. Nota-se a narrativa guiada pelo alfabeto manual na língua de sinais, um elemento recorrente na literatura Surda, tratando de dar sequência aos acontecimentos dramáticos (ou de dispor os elementos visuais) de forma a referenciar respectivamente cada configuração de mão desse alfabeto manual. O sociólogo surdo Andersson (1989, p.158 apud STROBEL, 2009, p. 82) diz que: “As pessoas surdas também acham a língua de sinais, como qualquer outra língua, uma maneira poderosa de expandir sua criatividade e prazer artísticos(...)”.

No caso do “Mãos em Fúria”, que trata das dificuldades vivenciadas por um adicto de



Quadro de “Mãos em Fúria”, dirigido por Giuliano Robert.

drogas surdo e o bullying feito por ouvintes, a primeira configuração de mão (A) é ‘checada’ quando, em close-up, o botão de um elevador é acionado, por meio de um lento movimento do ator, enfatizando a configuração. Em seguida, o (B) é feito pelo protagonista como o sinal de portas se abrindo, simultaneamente à abertura da porta do elevador. E assim sucessivamente, desenrolando a narrativa, até chegar na letra (Z), no final do curta.

O filme começa com a mão do narrador imitando o pulsar de um coração. Em língua de sinais isso se chama classificador e é definido por Campello; Pizzio; Quadros; Rezende (2010) como um tipo de morfema, utilizado através das configurações de mãos que podem ser afixado a um morfema lexical (sinal) para mencionar a classe a que pertence o referente desse sinal, para descrevê-lo quanto à forma e tamanho, ou para descrever a maneira como esse referente se comporta na ação verbal. (...) o que torna o filme inteligível para usuários de outras línguas de sinais e também ouvintes. (BUBNIAK, 2016, p. 89)

Apesar de existir uma sinalização internacional, nos chama atenção que ‘Mãos em Fúria’ tenha ganhado na China pelo teor informativo e relacional entre diferentes línguas de sinais de diferentes comunidades surdas nacionais. Sobre esse contato com comunidades surdas estrangeiras, o artista nos relata que conhece diretores de festivais como o surdo argentino Fedrico, do Festival de Cinema Surdo na Argentina, e David, do Festival Clin d’Oeil. Conta haver muitas parcerias em vista fora do Brasil e que sonha em criar uma universidade só para surdos.

Yanna Luisa Timbó foi a primeira cineasta surda formada no estado do Ceará, cujo TCC foi um videodocumentário de cerca de 10 minutos sobre o educação inclusiva. Sendo

também personagem, o curta bilíngue contém áudio em português e tradução para libras. O ineditismo no audiovisual cearense estende sua relevância para todo o país. “Faço parte, literalmente, do projeto, por ter exposto minha vida, meus sofrimentos e agora estar aqui, realizada e vitoriosa, apesar de tudo”. O relato de Yanna ilustra a busca por representatividade, inserindo em debate a questão do implante coclear e oralização.

Citamos por fim outras referências encontradas na aba “Curtas e Animações Surdxs” no portal culturasurda.net: o canal humorístico no youtube “Porta dos Surdos”; o canal “Filme Feito Por Surdo”, da Paraíba; o curta de terror “Chamado”, com direção coletiva de Claudio Junior, Andrezza Santos, Bruna Antero, Joyce Alencar, Robert Rocha, produção de CineLibras e participação do movimento “Legenda para quem não ouve, mas se emociona”; muitos curtas de Giuliano Robert, cheios de efeitos visuais; e a animação *Árvore Surda*, de Rodrigo Vana e Artigas.



Quadros do curta-metragem “As Surdas-heróinas” (Filme Feito Por Surdos, João Pessoa)

“Depois de um sequestro, as Surdas-heroínas aparecem para resolver o problema. Um curta-metragem cheio de efeitos visuais produzido pelo grupo *Filme Feito por Surdos*, de João Pessoa (Paraíba – Brasil)”. Além de trabalhar bem com a direção de fotografia e apostar na atuação cômica e amadora, é interessante notar a subversão da figura heroica clássica: trata-se, no caso, de uma dupla, de mulheres, e surdas.

Conclusão

A partir desse estudo, foi possível jogar luz sobre a cultura Surda e a Libras, colaborando na conceituação e legitimação do Cinema Surdo (a partir dos Estudos Surdos e endossando principalmente o trabalho de Bubniak (2016) sobre a poética

pós-fonocêntrica) e visibilizando profissionais surdas/os da cadeia cinematográfica nacional. Abrimos campo para futuras pesquisas e análises filmicas, contribuindo numa perspectiva de quebra de barreiras atitudinais, de inclusão da pessoa Surda na educação, no trabalho e no cinema, e podendo servir de inspiração para pedagogas/os com relação ao uso do vídeo e da Libras em salas de aula incluídas, articulando identidades surdas e ouvintes, além das demais identidades hoje em disputa na sociedade, fazendo prevalecer o respeito à diversidade e um basta à discriminação.

Referências bibliográficas

- CONVENÇÃO** da Pessoa com Deficiência. ONU, 2006. Disponível em: <http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/publicacoes/convencao pessoasc omdeficiencia.pdf>. Acesso em junho de 2019.
- BRASIL**. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, 2005. Disponível em: <http://www.pcdlegal.com.br/lbi/libras/#.WMBF2jvyvIU>. Acesso em junho de 2019.
- ANCINE**. Instrução Normativa nº 132. 2017. Disponível em: <https://www.ancine.gov.br/pt-br/legislacao/instrucoes-normativas-consolidadas/instru-o-normati va-n-132-de-15-de-mar-o-de-2017>. Acesso em junho de 2019.
- HOOKS**, Bell (2017). **O olhar opositivo - a espectadora negra**. Maria Carolina Morais, Trad. (Obra original publicada em 1992). Disponível em: <https://foradequadro.com/2017/05/26/o-olhar-opositivo-a-espectadora-negra-por-bell-hooks/>. Acesso em junho de 2019.
- Portal G1. **UNIFOR gradua primeira cineasta surda do Ceará**. 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/ceara/especial-publicitario/unifor/ensinando-e-aprendendo/noticia/2015/07/unifor-gradua-primeira-cineasta-surda-do-ceara.html>. Acesso em junho de 2019.
- RESOLUTA**. Direção: Giu. Recife, 2018. 2min25s. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1PkRYts79RoC73NGH9NQeeQQj8oIz-nP7/view?usp=sharing>. Acesso junho de 2019.
- BRASIL**. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em junho de 2019.
- STROBEL**, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009.
- ANJOS**, Raphael Pereira dos. **Cinema para Libras: reflexões sobre a estética cinematográfica na tradução de filmes para surdos**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) - Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/31027/1/2017_RaphaelPereiradosAnjos.pdf. Acesso em junho de 2019.

FURTADO, Rita Simone Silveira. **Narrativas de Sujeitos Surdos Negros**. Guaíba, 2011.

Disponível em:

http://www.portaldeacessibilidade.rs.gov.br/uploads/1309281386NARRATIVAS_DE_SUJEITOS_SURDOS.pdf. Acesso em junho de 2019.

QUADROS, R. & KARNOPP, L. **Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos**. Porto Alegre: ArtMed, 2004

SILVEIRA, G. & AMARAL, M. **Movimento surdo e o ciberativismo através do YouTube e do Facebook**. Santa Maria, 2012. Disponível em:

<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2012/resumos/R30-1483-1.pdf>. Acesso em junho de 2019.

LIMA, Talita Fernanda Santana. **Ciberespaço: um lugar de afirmação e desenvolvimento intelectual para o surdo**. Juiz de Fora, 2007. Disponível em:

<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0676-1.pdf>. Acesso em junho de 2019.

SIQUEIRA, Jonara Medeiros. **Novos Sujeitos Coletivos e as Mídias Radicais no Brasil: A Cibercultura e a Mediação através do projeto Fotalibras**. João Pessoa, 2013. Disponível em:

<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-1385-1.pdf>. Acesso em junho de 2019.

BUBNIAK, Fabiana Paula. **Cinema Surdo: uma poética pós-fonocêntrica**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) - Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, 2016. Disponível em:

<https://docplayer.com.br/27987221-Universidade-do-sul-de-santa-catarina-fabiana-paula-bubniak-cinema-surdo-uma-poetica-pos-fonocentrica.html>. Acesso em junho de 2019.

AS SURDAS-Heroínas. Realização Filmes Feito Por Surdos. Ficção, 5min37s. João Pessoa, 2012. Disponível em: <https://culturasurda.net/2012/11/13/as-surdas-heroínas/>. Acesso em junho de 2019.

COULROFOBIA. Roteiro e direção de Germano Dutra. Ficção, 13 min. Santa Catarina, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NIapGFXXAmk>. Acesso em junho de 2019.

MÃOS EM Fúria. Roteiro e direção de Giuliano Robert. Ficção, 5 min. Curitiba, 2018.

BRITO, Rayssa. **Mostra traz curtas-metragens exclusivamente dirigidos por surdos**.

Disponível em: <http://www.capitaldoentorno.com.br/mostra-traz-curtas-metragens-exclusivamente-dirigidos-por-surdos/>. Acesso em junho de 2019.